

SOCIOLOGIA

GT 11: SOCIOLOGIA DO TRABALHO E RURALIDADES

Sessão 1: Trabalho

**AS FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE ESTRANHAMENTO E AS
RELAÇÕES ENTRE TRABALHO E NATUREZA**

Pedro Martins Vicente – IFCH (Unicamp)

Fomento:CAPES

A partir de perspectivas que identificam a existência de uma série de crises ambientais e sua profunda relação com o capital enquanto processo social, faz-se necessário traçar um recorte de classe por entender que o ser humano se relaciona com a natureza não de forma homogênea, mas sim a partir de grupos sociais (historicamente posicionados mediante gênero, classe social, etnia, etc.). Nesse sentido, o presente trabalho pretende investigar de que maneiras as formas contemporâneas de estranhamento/alienação (ANTUNES, 2002) afetam a materialidade e a subjetividade da classe trabalhadora em sua relação com a natureza e o meio-ambiente. Desta forma, tomamos como fios condutores da investigação os conceitos marxianos de estranhamento/alienação e fetichismo da mercadoria (MARX, 1844; 1867), dialogando com bibliografia sociológica pertinente acerca do tema, para traçar um quadro das relações sociais separadas (e separadoras) entre natureza e classe trabalhadora, bem como das consequências dessa ruptura.

Introdução:

A notoriedade da questão ambiental cresce a cada ano. Não apenas ONGs e movimentos sociais, mas, e principalmente, mídia, empresas, partidos políticos e governos, produzem discursos e posicionamentos acerca da relação entre humanidade e natureza¹⁹⁴. Nesse sentido, a questão ganha força material ao, a partir dos discursos, teorias e posicionamentos partilhados, transformar-se em práticas (do nível individual/familiar ao nível global). A própria concepção da problemática do ambiente está em disputa, ao mesmo tempo em que também está as formas pelas quais a humanidade pretende encarar a situação. Tomamos como ponto chave de nossa elaboração que tal disputa é um importante momento das lutas de classes.

Pretendemos, pois, refletir de que forma a classe trabalhadora em sua atual configuração se relaciona com a questão ambiental e quais as consequências da forma pela qual tal relação se dá. Desta forma, prosseguirei com a elaboração da seguinte maneira; 1a) apresentando apontamentos acerca dos discursos em relação ao meio-ambiente, 1b) refletindo o lugar da classe trabalhadora na crise ambiental, 1c) indicando as especificidades do trabalho contemporâneo e as novas formas de estranhamento, e por fim, 2) argumentando que a produção social do estranhamento tem íntimas relações com a exploração da natureza (nos campos objetivo e subjetivo).

¹⁹⁴ Desde cúpulas internacionais como o Rio92, Protocolo de Kyoto, Rio+20, etc, até campanhas de marketing de empresas grandes, passando por diversas reportagens jornalísticas e programas de partidos políticos

Crise ambiental e classe trabalhadora

*“Mãos e planeta limpos: embalagem de papel sustentável e reciclável”*¹⁹⁵

Há alguns anos esta frase está estampada na embalagem do papel da cadeia de restaurantes *McDonald's*. Em um primeiro nível de análise tal fraseado nos aponta que a rede de *fastfood* apresenta uma preocupação com o planeta. Em um nível um pouco mais aprofundando podemos arrolar a franquia conjuntamente a um enorme número de empresas, das mais diversas áreas de atuação, que trazem em suas campanhas publicitárias e sítios na internet mensagens e seções, respectivamente, destinadas à preocupação ambiental, o que evidencia a enorme atenção que vem sendo destinada ao tema¹⁹⁶. Em um nível ainda mais indagador podemos questionar se seria mais “sustentável” que o papel apenas não tivesse uma embalagem, ou ainda mais adiante, se não seria mais respeitoso para com o planeta se a rede não existisse.

Ainda que tal multinacional do ramo alimentício se funde sobre exploração do trabalho e da natureza¹⁹⁷ não seria profícuo analisar o problema a partir de uma questão moral, cabe ao pesquisador, então, investigar as relações sociais que sustentam a existência (contraditória) de uma empresa que se vende como o oposto, no campo publicitário, do que é no campo das relações econômicas e sociais.

Desta forma, um aspecto moral se evidencia, com a ajuda da publicidade, perante a sociedade: o *McDonald's* possui uma preocupação ambiental. O aspecto econômico, estrutural, social, da sociedade, no entanto, subjaz velado: o restaurante tem uma determinada posição dentro de um mundo moldado, entre outras coisas, pela forma com a qual a humanidade produz e distribui sua riqueza, e a partir de tal posição pretende vender mais e mais produtos, explorando mais e mais seus trabalhadores, a fim de obter o lucro necessário para a sobrevivência do negócio e para o viver elitizado de seus empresários. A rede faz uma opção moral, que é exposta, pela “preocupação com o planeta”, enquanto sua forma de ser, profundamente relacionada com a forma de ser da própria sociedade, é encoberta.

¹⁹⁵ Imagem disponível em: http://lh5.ggpht.com/-2kgAkekDAXg/Tyco8chQhRI/AAAAAAAAAFDM/yT6tAJBSZ5M/Guardanapos_thumb%25255B4%25255D.jpg?imgmax=800

¹⁹⁶ Sites de banco como o Itaú, e de gigantes da agroindústria como a Monsanto, possuem seções destinadas à sustentabilidade em seus sítios, assim como campanhas publicitárias atrelando sua marca ao cuidado com o planeta.

¹⁹⁷ É um fato nitidamente observável que a rede de restaurantes opera a partir de um sobre-consumo, de uma perspectiva de venda de alimentos em um nível calórico muito maior do que o necessário para uma refeição, bem como pela utilização de carne vermelha em larga escala, carne que necessita de um gasto gigante de água para sua produção, para citar alguns exemplos.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Tal posicionamento moral em relação ao problema ambiental é, em nosso ver, o mais difundido, o mais apropriado pela sociedade em geral e pela classe trabalhadora em particular¹⁹⁸. O recente problema envolvendo a falta de água nos reservatórios do sistema Cantareira em São Paulo, e o possível racionamento em parte do Estado, é sintomático. A campanha dos governos e das companhias de distribuição de água se fundam no aspecto do consumo residencial (um aspecto moral), inclusive indicando a possibilidade de multa para aqueles que consumirem mais do que a média. Sendo aceito, ainda que com polêmica, pela população. Sabe-se, entretanto, que o consumo doméstico equivale a 8% do consumo mundial de água doce (indústria e, principalmente, agroindústria respondem por mais de 80%), e que as próprias empresas distribuidoras são responsáveis pela perda de 40% da água tratada no Brasil¹⁹⁹.

O que mais chama atenção, nesse sentido, é a escassez de matérias jornalísticas que tragam tais dados. As reportagens se focam no aspecto moral e individual do consumo, raramente levantam questões relacionadas à gestão²⁰⁰, e, de maneira alguma, questionam a forma pela qual a sociedade produz, organiza e distribui a riqueza no mundo. Apontamos previamente que a classe trabalhadora, de um ponto de vista mais subjetivo, se apropria dos discursos hegemônicos acerca da questão da natureza, e que, de um ponto de vista mais objetivo, possui uma relação específica dentro do contexto da crise ambiental.

Para refletir um pouco sobre o entrelaçamento entre os problemas do trabalho e do ambiente, destaco os acontecimentos narrados no texto *The limits of environmentalism without class*²⁰¹ de John Foster, relevante para explicitar o desafio em questão. No noroeste dos Estados Unidos, a militância ecológica se opunha às madeireiras que destruíam as florestas da região e ameaçavam a existência de várias espécies, dentre elas um tipo de coruja pertencente àquela área. Em pouco tempo, como é relatado, as madeireiras e a opinião midiática utilizaram o discurso de que o desaceleramento na produção iria afetar cerca de vinte e cinco mil postos de trabalho.

¹⁹⁸ É interessante notar que tal discurso tem fortes vinculações com a ideologia do indivíduo. A escolha por ser ou não um cidadão sustentável pode partir do sujeito ou de seu núcleo familiar. O indivíduo possui força para mudar o mundo individualmente, dentro de tais perspectivas.

¹⁹⁹ Dados levantados pelo Laboratório de Química Ambiental da Unicamp, disponíveis em: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2014/02/14/por-que-punir-o-consumidor-pelo-desperdicio-de-agua>

²⁰⁰ Lembrando que em alguns contextos políticos, como no estado de São Paulo, setores da mídia dificilmente tecem críticas à determinados partidos políticos, que são, em verdade, seus aliados ou preferidos.

²⁰¹ FOSTER, John Bellamy. *The limits of environmentalism without class* in **Ecology against capitalism**. New York: Monthly Review Press, 2002. 104-136p.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Os trabalhadores chegaram ao ponto de matar as corujas em forma de protesto. Por fim, militantes ambientais se chocaram com os próprios trabalhadores, devido em grande parte aos limites de classe dos primeiros, e a mesma luta (pela emancipação do trabalho e da natureza) fora dividida violentamente, enquanto a classe que de fato se aproveitava da natureza continuou a explorar o trabalho e as florestas daquela região.

No capitalismo, a realidade do labor interconecta-se e se confunde com a "recente" questão do problema ambiental²⁰². A organização do trabalho humano, bem como a distribuição e apropriação dos resultados desta atividade, são fatores cruciais à relação travada entre homem e natureza, e à utilização desta última. A esse respeito, e tendo em perspectiva o capital, Mézaros nos aponta que:

*"Naturalmente, a relação entre os indivíduos e a humanidade depende do modo como a interação necessária entre os seres humanos e a natureza é mediada, sob as circunstâncias dadas, por um conjunto de relações sociais historicamente determinadas. O problema sério e em princípio insuperável para o sistema do capital é que ele sobrepõe as inevitáveis mediações de primeira ordem entre a humanidade e a natureza um conjunto de mediações alienantes de segunda ordem, criando, por meio disso, um círculo vicioso 'eternizado' - e conceitualizado dessa maneira mesmo pelos maiores pensadores da burguesia - do qual não pode haver escapatória uma vez que se compartilhe da perspectiva do capital"*²⁰³

Desta forma, a relação metabólica entre homem e natureza mediada pelo trabalho é submetida a outras formas historicamente determinadas - ou *mediações alienantes de segunda ordem*. O capital enquanto processo social não só engendra a necessidade da acumulação, do trabalho excedente e da valorização do mundo das coisas, como as tornam absolutas ao mesmo tempo em que relativiza todo o resto, incluindo a natureza e seu caráter finito²⁰⁴. O tempo relativo (aquele do trabalho excedente) é transformado em algo absoluto, natural, enquanto o tempo natural, absoluto (aquele da vida humana, da finitude dos recursos naturais) é relativizado.

²⁰² A preocupação com a natureza e seu uso pelo homem não é, absolutamente, uma novidade. John Bellamy Foster aponta em seu **Marx's Ecology: materialism and nature** que uma série de autores já se ocupavam deste tema: de Epicuro a Darwin e Marx, todos autores pertencentes, na visão do autor, à tradição materialista. Notadamente, a recente preocupação com a crise ambiental, bem como sua explosão midiática, pode ser observada pelo crescimento e divulgação do tema, tanto a partir de trabalhos acadêmicos, reportagens jornalísticas e campanhas de marketing e propaganda de diferentes empresas e corporações, quanto de programas políticos e, não coincidentemente, reuniões de cúpula de Estados.

²⁰³ MÉSZAROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007. 40p.

²⁰⁴ MÉSZAROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007. 27p.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

O processo de reprodução do sistema do capital necessita da máxima exploração da natureza e da, nas palavras de Ricardo Antunes, classe-que-vive-do-trabalho. O capital necessita da exploração do tempo de trabalho excedente para se reproduzir. Assim, um sistema direcionado por esta relação e pelo imperativo da acumulação invariavelmente direciona a atividade produtiva no sentido de esgotar recursos naturais e humanos. De tal forma que nos encontramos de frente, neste início de século XXI, ao grave problema da crise ecológica.

A crise ambiental pode ser apreendida como uma crise do sistema do capital. Na apresentação da revista *Margem Esquerda*, nº14, Ivana Jinkings e João Alexandre Peschanski identificam que a crise ecológica traz à tona a fundamental contradição do capitalismo entre sistema produtivo e condições de produção, pois a conquista histórica de lucro sobre lucro não pôde se dar senão com a destruição de trabalhadores e da natureza, contraditoriamente minando sua própria capacidade de reprodução. O sociólogo norte-americano John Bellamy Foster indica que, no capitalismo, o homem se separa da natureza, deixando o caminho livre para que o sistema destrua os recursos naturais e ameace as próprias condições de existência na terra em favor da acumulação de capital.

Assim, a crise ambiental têm importantes conexões com a forma de ser da sociedade do capital: a busca pela acumulação mediante produção excedente, a necessidade de aumentar cada vez mais os padrões de consumo de uma parcela da população mundial, o gasto de recursos e trabalho com produção de armas e veículos bélicos, a utilização destes mesmos recursos para feitura de uma série de mercadorias produzidas para durar pouco, a não adoção de medidas ecologicamente sustentáveis em favor dos lucros (e do aumento destes), a égide de uma sociedade baseada no carbono e no combustível fóssil, a relativização do tempo, a separação entre homem e natureza, etc.

Partindo para as contribuições de Karl Marx, ressalto os conceitos de estranhamento e de fetichismo da mercadoria. O principal texto de apoio para a análise do conceito de trabalho alienado/estranhado são os *Manuscritos Econômico-filosóficos*²⁰⁵, principalmente o trecho "Trabalho estranhado e propriedade privada". Nesta passagem, Karl Marx aponta o caráter estranhado do trabalho dentro do capital, e sua relação simbiótica com a propriedade privada.

²⁰⁵ - MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Identificamos considerações que apontam para um processo de transformação do trabalhador em mercadoria. Pois “*o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. O trabalho não produz somente mercadorias, mas produz a si próprio e ao trabalhador como mercadorias*”²⁰⁶. O processo de produção de uma coisa é também processo de produção do homem (que trabalha) em coisa, e de seu trabalho como coisa. O mundo dos homens (*Menschenwelt*) é a espinha dorsal da construção do mundo das coisas (*Sachenwelt*), e no mundo das coisas, aquele que trabalha, e seu trabalho, também viram coisa.

O produto do trabalho é, desta forma, encarado pelo trabalhador como um ser estranho. Primeiro porque é um produto que, embora seja objetivado pelo trabalho humano, nega o próprio caráter humano de quem o produz. Há também o fato de que a coisa produzida dificilmente é apropriada por quem a produz. Nos campos objetivo e subjetivo, a mercadoria expropria o homem (que trabalha) da sua própria condição humana, da sua capacidade de modificar a natureza mediante o trabalho para que possa sobreviver e viver.

Fora indicada acima uma forma aparente do estranhamento, qual seja, de que ele é existente apenas no momento pós-produtivo. No entanto, é importante colocar que tal posição, em nosso entendimento, limita a análise. A *Entfremdung* não pode apenas ocorrer em um momento posterior ao processo laboral, mas e principalmente, no próprio momento da produção. O trabalhador estranha a si mesmo durante o trabalho, estranha o seu próprio ato laboral e estranha, conseqüentemente, o outro trabalhador ao seu lado. No mundo das coisas, as coisas se humanizam e os humanos se coisificam.

Ao retomarmos trecho em que Marx aponta “*Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza*” (Karl Marx)²⁰⁷, temos que o homem é parte da natureza. Desta forma, ao estranhar a si mesmo, ao processo de trabalho e aos outros a sua volta, inevitavelmente estará estranhando o ambiente, o qual não controla, não se apropria e não se congrega de maneira frutífera, mas sim autodestrutiva.

Ao estranhar a natureza, o trabalhador se defronta com um poder externo a ele, que não faz parte direta de sua existência. Sem uma realidade de congregação entre homem e seu corpo externo, e com o acesso (ou o não acesso) a bens provenientes da

²⁰⁶ Ibidem, 80p.

²⁰⁷ MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010. 84p.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

natureza mediado pela propriedade privada, a relação entre os dois torna-se frágil. O homem não se identifica como parte da natureza, como ela própria.

Ao resgataremos a questão do fetichismo da mercadoria tomamos que ao abstrair o trabalho, o capital ergue as sólidas bases do reino das mercadorias. Não é mais o trabalho do ferreiro - e o próprio ferreiro - que se relaciona com o trabalho do tecelão (e, novamente, o próprio tecelão), mas sim os produtos de seu trabalho que se comunicam, se relacionam e se congregam socialmente. Os tempos dos trabalhos contidos nas mercadorias são indiferenciados, são marcadores e valorizadores daqueles produtos que "se lançam ao mercado".

Se o trabalho é indiferenciado também o é tudo que envolve esse processo de relação do homem com a natureza. O consumidor enxerga apenas um produto que satisfaz alguma necessidade sua, mas é impossibilitado de compreender toda energia e recurso naturais empregados na feitura daquele item, muito menos toda uma série de fatores ambientais que não são levados em conta por não serem valor de troca ou por ainda não terem sido relegados a essa condição²⁰⁸.

A classe trabalhadora figura como aquela que produz as mercadorias dentro de um sistema estruturalmente insustentável, que não se apropria do resultado de tal produção destrutiva, e que, fatalmente, sofre de maneira contundente os efeitos das crises ambientais: são as classes pobres que moram em locais próximos à lixões, rios e terrenos poluídos, são os países pobres que recebem lixo da Europa, Japão e Estados Unidos²⁰⁹.

No entanto, até o momento exploramos apenas relações referentes à produção, tendo em vista o capitalismo industrial do tempo de Marx, faz-se necessário, assim, posicionar a classe trabalhadora contemporânea e as novas formas de estranhamento.

Para Antunes, a classe-que-vive-do-trabalho²¹⁰ é submetida hoje a um estranhamento próprio que é dado pela cooptação dos trabalhadores e por uma lógica de

²⁰⁸ ALTVATER, Elmar. **The Future of the Market: an essay on the regulation of money and nature after the collapse of the 'actually existing socialism'**. Londres: Verso, 1993. 5-6p.

²⁰⁹ O sociólogo John Foster levanta dados de exportação de lixo de países europeus para países africanos. Recentemente, no Brasil, a polícia federal apreendeu um navio com toneladas de lixo provenientes dos Estados Unidos em Santa Catarina.

²¹⁰ Termo cunhado pelo sociólogo Ricardo Antunes, principalmente em **Adeus ao trabalho?**, que se exprime tanto no sentido de negar o tal adeus ao trabalho (ou à "não-classe" e ao "não-trabalho"), como dar conta de incorporar as mais diversas formas de exploração e extração de mais-valia, referentes à uma série de formas laborais distintas e contemporâneas que formam o quadro dos trabalhadores assalariados do período da "acumulação flexível". A classe-que-vive-do-trabalho é polifacetada, múltipla e heterogênea, portanto mais complexa. São trabalhadores que não atuam mais somente no chão-de-fábrica,

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

"integração" destes no processo. Essa aparente flexibilização e atualização do processo laboral leva a análises que afirmam que estamos diante de um trabalho não alienado, que não separa trabalho intelectual de manual, e que, de certa forma, liberta os empregados. No entanto, a classe trabalhadora não decide as formas e o que produzir, tampouco se apropria integralmente do que produz enquanto classe.²¹¹

Não só o trabalho não está "menos alienado" como todos os momentos da vida da classe passam por um processo de reificação e fetichização, como aponta Antunes:

"Nesta fase do capital, caracterizada pelo desemprego estrutural, pela redução e pela precarização das condições de trabalho, evidencia-se a existência de uma materialidade adversa aos trabalhadores, um solo social que constrange ainda mais o afloramento de uma subjetividade autêntica. Múltiplas fetichizações e reificações poluem e permeiam o mundo do trabalho, com repercussões enormes na vida fora do trabalho, na esfera da reprodução societal, onde o consumo de mercadorias, materiais ou imateriais, também está em enorme medida estruturado pelo capital. Dos serviços públicos cada vez mais privatizados, ao turismo, onde o tempo livre é instigado a ser gasto no consumo dos shoppings, são enormes as evidências do domínio do capital na vida fora do trabalho"

Se configura, então, um pleno domínio das relações estranhadas e fetichizadas não apenas no tempo laboral da classe trabalhadora, mas também no restante de seu tempo, não apenas para aqueles que laboram no chão-de-fábrica, mas para todo o corpo da classe trabalhadora e, em última instância, da sociedade.

O processo social do estranhamento no mundo das mercadorias

Se, mediante análise dos conceitos marxianos, identificamos o processo de produção do estranhamento e das relações fetichizadas a partir das relações sociais de trabalho, poderíamos, erroneamente, tomar como fato que; apenas no momento da produção – aquela mediação entre homem e natureza – que o trabalhador realiza o mundo das mercadorias. Desta feita, grande parte da classe trabalhadora hoje seria não alienada, não estranhada, mais intelectualizada, ou até mesmo emancipada, por se tratar de um vasto contingente de profissionais que atuam fora do ramo da produção industrial, e portanto não estariam circunscritos ao processo alienante. O que pretendemos demonstrar, no entanto, é que as especificidades do capitalismo atual contribuem ainda mais para a exploração do trabalho e da natureza²¹².

mas nas diferentes áreas dos serviços, conformando-se uma classe trabalhadora distinta e precarizada, um proletariado dos serviços.

²¹¹ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995. 34p.

²¹² É importante ressaltar que este engendra uma série de mistificações que afastam a consciência ambiental da conclusão de que o sistema social do capital é, ele próprio, insustentável

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

No texto *Alienação do trabalho e crise ambiental: compromissos e rupturas com o controle do metabolismo social*, Guilherme Rezende mobiliza formulações de Engels e Mézaros para refletir a transferência do controle social dos homens para o capital, que, a partir de uma perspectiva totalizadora, incide seu modo societal em todos os aspectos do viver²¹³.

“E, uma vez que no sociometabolismo do capital tudo passa a estar subordinado à necessidade de acumulação de riqueza, o trabalho perde seu sentido e função originais, pois ao invés de libertar o homem, em sentido ontológico, da dependência da natureza, estará permeado por limitações novas e artificiais, ainda que, agora sociais e não mais naturais”²¹⁴

Uma forma, que serve de exemplo desse processo, aparece nas formulações de Ricardo Antunes, quando o autor aponta para um momento complexo do estranhamento na sociabilidade contemporânea, qual seja, o capitalismo conseguiu estender as formas de estranhamento e fetichização para a esfera do consumo²¹⁵. Tal capacidade está intimamente ligada ao recente momento do capitalismo, dado pela ampliação do consumo, e pela cooptação das classes trabalhadoras através da capacidade desta de apropriação de mercadorias.

Assim, com a realização da propriedade privada, e com a sublimação do caráter fetichizado do mundo, o trabalho se configura cada vez mais como “meio” para a vida, e não “vida humana”, se configura como plataforma para que se possa alcançar os bens que sejam possíveis serem alcançados. Nesse sentido, o homem se rescinde de maneira ainda mais decisiva da natureza. O humano seria aquele que controla seu metabolismo social com a natureza, quando o capital é quem controla o metabolismo, socialmente a humanidade se vê fadada à uma relação de violência com a natureza. Contemporaneamente vemos um movimento ainda mais fortalecido de realização da propriedade privada, de sublimação do mundo das coisas. O próprio ascenso social, no caso do Brasil, é dado pela capacidade de consumo.

Independente da conformação percentual da classe trabalhadora, é palpável que a sociedade do capitalismo atual, muitas vezes identificada como sociedade do consumo, torna as mercadorias sujeitos, enquanto torna os trabalhadores, não só os operários, objetos. A realização pessoal é dada pelo consumo, mediada por uma subjetividade reificada – no sentido de que é uma subjetividade que enaltece os

²¹³ Claro que tal incidência se dá em maior ou menor grau mediante resistência. Em um determinado estágio da luta de classes a correlação de força pode ser diferenciada.

²¹⁴ REZENDE, Guilherme. **Alienação do trabalho e crise ambiental**. P9-10.

²¹⁵ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995. P129-130.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

produtos. Socialmente, as formas de estranhamento avançam por todo o globo, por todas as classes e frações de classes. A realização do consumo, e do sobre-consumo por uma parcela da população, ignora as especificidades ambientais, ignora as necessidades da natureza, pois a realização do controle sociometabólico está nas mãos do capital, que, invariavelmente, organiza-se orientado para acumulação e reprodução de seu sistema²¹⁶.

Estamos diante de um imenso desafio: de que forma podemos compreender as complexidades das relações de trabalho e das relações da humanidade com a natureza, e, sobretudo, de que forma poderemos atuar para a superação das explorações de trabalho e ambiente? O que pretendemos ter feito aqui é ter contribuído com anotações e pistas preliminares para o debate acerca deste tema extremamente relevante

Referência Bibliográfica

ALTVATER, Elmar. **The Future of the Market: an essay on the regulation of money and nature after the collapse of 'actually existing socialism'**. Londres: Verso, 1993.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. A atualidade de Marx para o debate sobre tecnologia e meio ambiente in **Revista Crítica Marxista**, 27n, 11-25p, 2008. Consultado dia 17/08/2013 em http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo153Artigo1.pdf

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação)** in Caderno CRH, Salvador, n.37, 23-45p, jul/dez. 2002

FOSTER, John Bellamy. **Ecology Against Capitalism**. New York: Monthly Review Press, 2002.

_____. **Marx's Ecology**. New York: Monthly Review Press, 2000.

_____. **The Ecological Revolution**. New York: Monthly Review Press, 2009.

_____. **The Great Financial Crisis**. New York: Monthly Review Press, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. (1v). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

²¹⁶ Ainda que não seja o foco do texto, é importante ressaltar que o capitalismo realiza o valor de troca em detrimento do valor de uso. No sentido ecológico, tal prevalência acarreta no descaso com uma série de bens que não são pensados em termos de valor de troca, bem como no imperativo do sobre-consumo, do trabalho excedente e da acumulação.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZAROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **The Structural Crisis of Capital**. New York: Monthly Review Press, 2010.

_____. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

REZENDE, Guilherme. **Alienação do trabalho e crise ambiental**. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt9/alienacao.pdf> (acessado em 28/04/2014).

